



PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA
SECRETARIATUS INTERNATIONALIS

OUTUBRO 2019 - N. 3

BOLEIM



O TESOURO INESGOTÁVEL DE UMA CRIANÇA FOCUS

*OS ADOLESCENTES, O MUNDO,
A IGREJA*

A VOZ DAS CRIANÇAS

ESPECIAL

RUMO À SANTIDADE



PONTIFICIUM OPUS A
SANCTA INFANTIA
SECRETARIATUS
INTERNATIONALIS



**CIRCULAR DE INFORMAÇÃO
MISSIONÁRIA
N.3 OUTUBRO 2019**

Editor: Obra Pontifícia da Santa Infância
Via di Propaganda 1/c
00186 ROMA
vati176@poim.va

Director: Irmã Roberta Tremarelli, AMSS
Secretariado Internacional
Enrique H. Davelouis E.
Augustine G. Palayil
Erika Granzotto Basso
Matteo M. Piacentini
Irmã Maddalena Hoang Ngoc Khanh Thi, A.C.M.
Kathleen Mazio
Giorgio Bertucci

Redação: Secretariado Internacional
Capa, projecto gráfico e paginação:
Erika Granzotto Basso

Colaboraram nesta edição:
Enrique H. Davelouis E.
Erika Granzotto Basso

Fotografias: Registo fotográfico Obra Pontifícia da Santa Infância, Direcção Nacional Líbano, Direcção Nacional Austrália, Direcção Nacional Paraguai, Direcção Nacional Escócia, Direcção Nacional Polónia, Direcção Nacional Cuba, Direcção Nacional República Dominicana, Direcção Nacional Burquina Faso

Foto de capa: Direcção Nacional Líbano,

NESTA EDIÇÃO

3 EDITORIAL

Irmã Roberta Tremarelli

4 CINCO PAES E DOIS PEIXES O TESOURO INESGOTÁVEL DE UMA CRIANÇA

Irmã Érica A. Sánchez

8 FOCUS

OS ADOLESCENTES, O MUNDO, A IGREJA

14 PAPA FRANCISCO

REFLEXÕES

NÃO OS DEIXEMOS SÓS!

16 RUMO À SANTIDADE

NATALYS UMA PEQUENA GRANDE MISSIONÁRIA

PAULINKA E OS AMIGOS DO CÉU

24 A VOZ DAS CRIANÇAS ADOLESCENTES À PROCURA DE DEU CRIANÇA, VAI E ANUNCIA

ORAÇÃO OUTUBRO 2019



Os meninos e as meninas são tão importantes para nós, assim como estão no coração de Jesus, o Filho de Deus!

Ele nunca foi indiferente com ninguém e, sobretudo para com as crianças e os jovens.

Nesta edição, gostaríamos de falar exatamente sobre eles, os adolescentes, uma faixa etária que, na Obra da Santa Infância, parece não estar implicada, de maneira evidente, principalmente no nome, mas que agora na realidade está incluída e está presente. E gostaria de começar pelo nome, porque é o que lhe dá a identidade. A Obra nasceu em 1843 para envolver crianças na missão da Igreja e tomou como referência a Infância de Jesus. Para o povo judeu ao qual Jesus pertencia, a idade dos 12 anos era aquela que marcava a idade da infância. Este número 12 foi proposto pelo fundador, Mons. Charles de Forbin Janson, como referência para a composição dos grupos e não para a idade dos seus membros. De fato, desde o primeiro regulamento da Obra, parece que foram admitidas as crianças desde a tenra idade até à primeira comunhão.

Como toda a instituição, a Obra da Santa Infância evoluiu ao longo dos tempos e, conseqüentemente, houve algumas adaptações em relação às diferentes realidades eclesiais, sociais e culturais, a fim de apresentar propostas mais adequadas para o desenvolvimento da dimensão missionária nos mais jovens, mantendo o carisma original.

Este processo também é evidente no nome da Obra. Dos Anais da Pontifícia Obra da Santa Infância de 1983-1984, aparece que “nos países de língua francesa a Santa Infância adotou outro nome, chama-se já de Obra Pontifícia da Infância Missionária, mas o seu objetivo não muda: educacional e caritativo. Trata-se acima de tudo, de comunicar às crianças o espírito missionário, de despertar seu interesse pela Missão Universal e fazê-las participar dela”.

No final da década de 1990, os países latino-americanos começaram a considerar o crescimento e o progresso da Obra da Infância Missionária e também, para não perder o que foi semeado nas crianças, e prosseguir no seu caminho de

formação, animação e cooperação missionária, começou-se também a falar da adolescência missionária. De fato, havia muita preocupação para com a pastoral missionária dos adolescentes, e assim teve início, organizando-se na Argentina, em 2002, o 1º Encontro Continental para a Infância e Adolescência Missionária.

Hoje, a Obra da Santa Infância propõe que todas as crianças e adolescentes do mundo sejam protagonistas da ação evangelizadora da Igreja através da oração, do testemunho de vida, do sacrifício e da contribuição material para o Fundo Universal de Solidariedade da própria Obra. Desta maneira, a proposta feita aos adolescentes possibilita a criação de um vínculo entre a criança missionária e o jovem missionário, um fio condutor missionário que pode estar presente na vida de cada pessoa batizada e ajudá-la no caminho da santidade.

Neste sentido, encontrarás nesta edição uma nova seção “Rumo à santidade”, na qual narramos a vida de duas meninas, ambas elas membros da Obra da Santa Infância, que mesmo no momento do sofrimento continuavam apoiando com oração e oferta a atividade missionária.

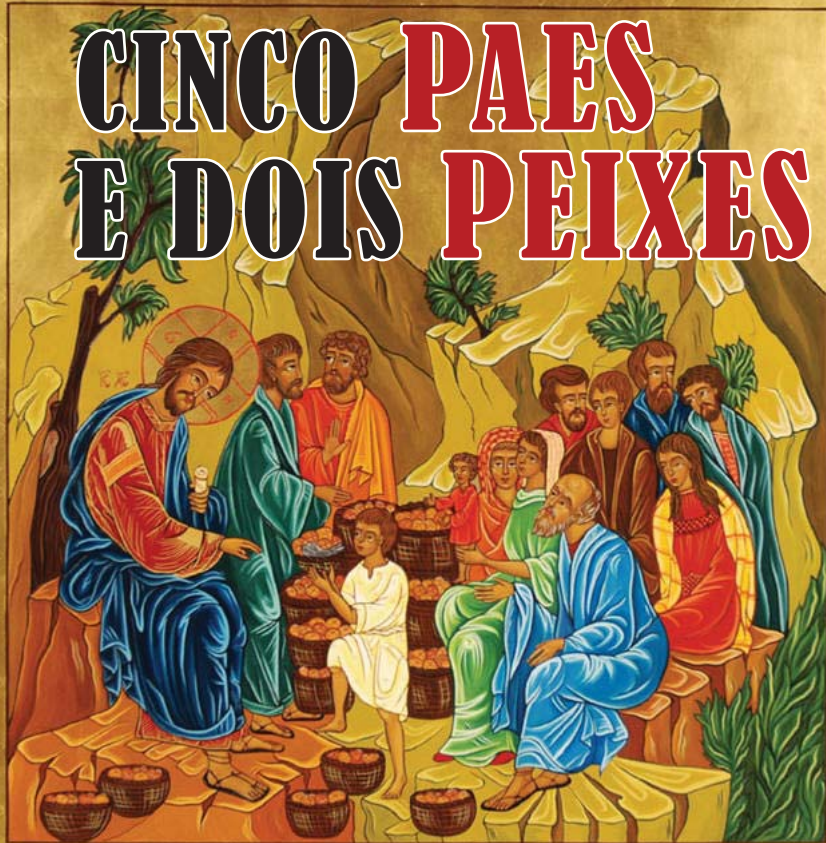
Esperamos que esses dois testemunhos possam ser narrados a todas as crianças e jovens como um exemplo da missionariedade e de um caminho para a santidade.



IRMÃ ROBERTA TREMARELLI

Secretario General Obra Pontificia Infancia Misionera

CINCO PAES E DOIS PEIXES



O TESOURO INESGOTÁVEL DE UMA CRIANÇA

IRMÃ ÉRICA A. SÁNCHEZ

*Francescana Angelina
Santa Cruz - Bolívia*

O Espírito Santo nunca deixa de inspirar novos caminhos e de abrir novos horizontes para responder às novas realidades do povo de Deus no mundo.



Entre essas realidades foi-nos proposto abrir uma nova etapa de Evangelização caracterizada e animada pelo espírito da sinodalidade, lembrando que o caráter missionário da Igreja se desenvolve na comunhão. Trata-se de um caminho eclesial sinodal que exige viver a comunhão na participação e corresponsabilidade de todo o povo de Deus, cujos dons e capacidade coloca a serviço da Igreja.

Com uma unidade, somos convocados ao interior de um “nós” que nos abre à valorização do outro, no respeito pelas diferenças de todo o tipo, para criar a cultura do diálogo e do encontro, de que fala o Papa Francisco.

Abrir-se e acreditar num “nós” conduz-nos a refletir sobre cada um dos ambientes nos quais o corpo da Igreja se faz presente. Neste caso, deveríamos interessar-nos pelo mundo dos jovens como no-lo convida a exortação apostólica *Christus Vivit*.

O facto de a Igreja insistir sobre o mundo dos jovens tem hoje ainda sentido?

Qual o “papel” dos “pequenos” nesse caminho sinodal?

Vamos concentrar-nos sobre o Evangelho de São João no episódio da multiplicação dos pães (Jo 6,1-15) que nos pode dar alguns flaches sobre o tema.

Os quatro Evangelhos apresentam este episódio o que sublinha a importância da sua mensagem e do seu significado para as primeiras comunidades cristãs. Fazemos notar que, no conjunto dos Evangelhos, há um total de seis episódios do mesmo acontecimento com as suas nuances: Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 14,13-21; 15, 32-29; Lc 9,11-17 e Jo 6,1-15.

No Evangelho de São João, o episódio situa-se nos sete sinais – ou milagres – que Jesus faz para a salvação dos homens, que descobrem a sua identidade.

Após uma leitura atenta da perícopes, podemos extrair alguns pontos para nossa reflexão.

“1Depois disto, Jesus foi para a outra margem do lago da Galileia, ou de Tiberíades. 2Seguia-o uma grande multidão, porque presenciavam os sinais



miraculosos que realizava em favor dos doentes. 3Jesus subiu ao monte e sentou-se ali com os seus discípulos. 4Estava a aproximar-se a Páscoa, a festa dos judeus. 5Erguendo o olhar e reparando que uma grande multidão viera ter com Ele, Jesus disse então a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?» 6Dizia isto para o pôr à prova, pois Ele bem sabia o que ia fazer. Filipe respondeu-lhe: 7«Duzentos denários de pão não chegam para cada um comer um bocadinho.» 8Disse-lhe um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: 9«Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?» 10Jesus disse: «Fazei sentar as pessoas.» Ora, havia muita erva no local. Os homens sentaram-se, pois, em número de uns cinco mil. 11Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram. 12Quando se saciaram, disse aos seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca». 13Recolheram-nos, então, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram aos que tinham estado a comer. 14Aquela gente, ao ver o sinal milagroso que Jesus tinha feito, dizia: «Este é realmente o Profeta que devia vir ao mundo!» 15Por isso,



Jesus, sabendo que viriam arrebatá-lo para o fazerem rei, retirou-se de novo, sozinho, para o monte”(Jo 6,1-15).

JESUS É SOLIDÁRIO COM A MULTIDÃO

A cena desenrola-se do outro lado da margem do lago de Tiberíades, na presença de uma grande multidão que seguia Jesus e os seus discípulos por causa dos prodígios que realizava. Jesus enche-se de compaixão, razão pela qual ele toma a iniciativa de procurar alguma coisa para lhes dar de comer e para isso implica os seus discípulos na procura da solução: “Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?”. A compaixão de Jesus não se deixa perturbar pela resposta de Filipe: “Ele bem sabia o que ia fazer”. Filipe calcula e coloca limites. Jesus é generosidade e confiança. Ele é o Enviado do Pai que, pela Encarnação, entra na nossa história e partilha a nossa natureza até ao fim (Heb 2,17). Como podemos ver, desde os primeiros capítulos do Evangelho, Jesus mostra-se totalmente humano, fraterno, ligando-se ao outro de tal maneira que consegue transformar a sua realidade (cf. Vanhoye A. “Le Message de l’Épître aux Hébreux”, 1977).

O GESTO SOLIDÁRIO DE JESUS ATIVA O CARATER MISSIONÁRIO

Continuando a narração, chegamos até ao grande gesto de Jesus que, ultrapassando os calculismos, realiza o milagre que, para além da multiplicação dos pães, consiste na partilha do pão.

Através de três ações, que são ao mesmo tempo tipicamente eucarísticas, realiza-se o milagre. Jesus tomou o pão, deu graças e deu-o aos seus discípulos para que eles o partilhem. O gesto misericordioso e solidário do Senhor revela a identidade do discípulo: ser missionário. Jesus anima-os

neste dinamismo implicando-os na responsabilidade de satisfazer as necessidades e saciar aqueles que estão postos de lado: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Lc 9,13) (cf. EG 27).

Além disso, a satisfação da multidão revela Jesus, o Filho de Deus, como a plenitude da vida. Enquanto o Senhor está presente é impossível a fome. E quando se partilha o pão da própria vida, então, chega para todos. Jesus ensina-nos que, em vez do fechamento e do cálculo mesquinho devido ao egoísmo humano, o caminho é o da partilha, sobretudo da sua própria vida. É esse o Caminho do encontro e da fraternidade que conduz a respeitar o outro na sua dignidade (cf. EG 10, 121, 156).

NO ESPÍRITO DE CRISTO, A OFERTA DO MAIS JOVEM É IGUALMENTE IMPORTANTE

O protagonista do milagre da multiplicação do pão é sem dúvida alguma o próprio Jesus., o Enviado do Pai. Contudo, o texto sublinha que o milagre sucedeu à oferta dos cinco pães e de dois peixes por parte de um rapazinho. “Mas o que é isso para tanta gente?”

Por entre a multidão surge a figura deste rapazinho que, apesar da sua pobreza, está disposto a oferecer tudo o que tem. (São João ao afirmar que os pães são de cevada, quer dizer que são feitos do principal alimento dos pobres). Com acontece em cada narração de milagre, podemos ver aqui que Jesus age de maneira positiva

face a uma dificuldade, pressupondo desde o início um ato de fé. Temos de reconhecer que, neste caso, o ato de fé que conduz ao milagre é deste simples rapazinho. De tal modo que, Jesus apreciando a fé e a oferta deste rapazinho, dá uma lição a todo o público presente; a contribuição do mais jovem, mesmo se parece irrisória, multiplica-se nas mãos do Senhor da História, e transforma-se num grande e belo gesto de amizade para todos os que sentem necessidade.

SENSÍVEL AO DISCIPULADO

Face a um cenário exagerado para a sua idade, como era a presença de uma enorme multidão faminta, é importante sublinhar a capacidade deste rapazinho para correr riscos e oferecer o pouco que tinha e colocá-lo à disposição de Jesus.

Ele encontrava-se entre a multidão que seguia Jesus. É aí que o descobrimos, como qualquer rapaz, na sua fragilidade e instabilidade, como alguém à procura de um sentido para sua vida. Ele mostra-se sensível ao discipulado e à amizade com o Mestre (cf. Cristo Vive (CV) 134-143; 150-157).

TENACIDADE (PERSISTÊNCIA) NO AMOR

O papel que este rapazinho tem na narração é muito significativa. É colocado em relevo o lado mais humano de uma pessoa jovem. Ele não recorre a nenhum critério egoísta mas, seguindo o seu coração, ele age com misericórdia e faz-se solidário com a multidão. A sua juventude não o limita nem o torna indiferente. Na sua simplicidade ele persiste no amor que se torna solidariedade face às necessidades. Nele se reflete a oferta escondida que existe em todos “os rapazes” do mundo e que são capazes de fazer, e que é transformada pelo encontro com Cristo (cf. CV 174).

A SIMPLICIDADE DA SUA OFERTA TORNA-SE UM DESAFIO

Neste episódio, o apóstolo André é o protótipo de todos aqueles que não valorizam de maneira especial a juventude e até a consideram perdida: “Mas que é isto, [cinco pães e dois peixes] para tanta gente?”; o mesmo





é dizer: o que é que este rapazinho pode fazer de bom? Mas Jesus mostra a todos que “este rapazinho” tem muito para oferecer, para exprimir, e a dar à Igreja e ao mundo. O desafio está em acreditar verdadeiramente no seu potencial, nesse tesouro inesgotável deste membro d Corpo de Cristo, quantas vezes fraco e ferido, e saber acompanhá-lo no caminho da vida cristã (cf. CV 42).

A MISSÃO DA IGREJA: NUNCA SEM OS JOVENS

Todos os membros do povo de Deus partilham a responsabilidade única de levar em frente a missão evangelizadora enquanto continuação da obra salvífica de Cristo, cada um segundo a sua própria vocação e o seu próprio carisma. Ninguém está excluído (1 Cor 12,4-27). Neste sentido, a Igreja aprecia e considera sempre mais o papel, o valor e o contributo de todos os seus membros: ministros ordenados, religiosos, leigos, pessoas idosas, jovens, crianças e mulheres (cf. CV 42-199). É mesmo fundamental repensar uma pastoral que saiba acompanhar cada um.

Quem deve encarregar-se? Ser pastores no campo

dos adolescentes é uma missão que se realiza em comunidade. Tem de se realizar essencialmente através da oração, organização, formação e tudo isso a partir do discernimento, permitindo desse modo descobrir e mostrar o tesouro escondido no campo. Assim, iluminados pelo Evangelho de Cristo, cada jovem poderá tronar-se um discípulo ativo na missão evangelizadora da Igreja.





Os ADOLESCENTES o MUNDO a IGREJA

“Se na relação adulto-criança, a tarefa do adulto é de introduzir a criança na integridade da idade adulta, na relação adulto-adolescente, a tarefa do adulto é levar o adolescente à plenitude da idade adulta”.¹

A Igreja como escola, paralelamente com a família, deve conservar a sua dimensão educativa e a capacidade de ser um ambiente no qual o adolescente pode experimentar-se a si mesmo na sua relação com os outros e com o Outro.

O mundo de hoje é a casa de cerca de 1.2 milhões de adolescentes: o maior grupo dessa faixa etária na história. A adolescência é um período crítico do desenvolvimento cognitivo, emotivo, físico e sexual com consequências que vão para além da idade adulta. No entanto, esse período oferece uma segunda oportunidade para estabelecer as bases e promover comportamentos positivos na pessoa.

ADOLESCENTE É O HORIZONTE DE VALOR DO ADULTO

A adolescência é o “segmento” da vida que precede a maturidade (pelo menos juridicamente). Geralmente, o adolescente não recebe um reconhecimento de valor por aquilo que é e faz, pelo seu ser adolescente, mas por uma avaliação funcional ou sentimental. A avaliação funcional olha acima de tudo o futuro, o que será e o que produzirá, sua contribuição para o mundo dos adultos.

A avaliação sentimental olha principalmente para o passado e é vista pelo adulto como memória e recordação daquilo que era. Por tais razões, o adolescente é muitas vezes considerado incompleto,

um caminho em direção ao “eu” e não um “eu” em caminho. Jesus, pelo contrário, diz que o adolescente é o horizonte de valor do adulto e do discípulo. O termo rapaz nos Evangelhos aparece cerca de 200 vezes e isso indica a importância que tinha para Jesus. E para nós hoje? Será que já nos perguntámos se os adolescentes se sentem verdadeiramente acolhidos nas nossas comunidades? Na Igreja? Na sociedade? Nós os consideramos um dom para a Igreja?

METAMORFOSE

A adolescência é um período de transformações, tanto física (a puberdade) quanto psicologicamente (adolescência em si). Algo muda na mente e nos pensamentos do rapaz, paralelamente a uma transformação física tão rápida que pode ser comparada, como “velocidade” da metamorfose, àquela que ocorre nos primeiros anos de vida de um recém-nascido. Além disso, mesmo no nível psíquico, muitas coisas acontecem que nos permitem comparar o período da adolescência com os três primeiros anos de desenvolvimento infantil. Em particular, as grandes mudanças que ocorrem na mente do adolescente podem ser resumidas da seguinte forma:

- aumenta a exploração criativa, o desejo de ver e experimentar coisas novas;



- stá à procura de um maior envolvimento social. O adolescente está voltado para o exterior, para o grupo, que como um íman o atrai com força para fora do contexto ordinário:

- As emoções são experimentadas com maior intensidade. O adolescente realiza avaliações parciais das experiências que vive e do que pretende fazer, em particular com um desequilíbrio entre aqueles que são os “prós” e os “contra” relacionadas às diferentes experiências.³

DAR SEGURANÇA

Expectativas e medos, tristeza e desejo de novidade, nostalgia e solidão são algumas realidades típicas da adolescência. O não pertença a um grupo, a dificuldade em fazer amigos, a falta de propostas educativas apropriadas à sua idade muitas vezes levam os adolescentes a um abismo de desolação e

vazio, acentuados também pela difícil relação com seu corpo em crescimento, difícil de gerir. Tudo isso está na base da complexidade vivida pelos adultos ao envolver os adolescentes na realidade eclesial, às vezes esquecendo que eles podem explorar os elementos positivos dessa fantástica faixa etária, propondo até experiências que dão segurança em suas habilidades, reforçam interesses e desejos, tornando os rapazes mais confiantes em seus talentos e motivando-os a seguir em frente com alegria e perseverança.

A adolescência é o período em que tudo se põe em discussão, em particular o papel dos adultos e de Deus na própria vida, mas também a identidade pessoal.

PERTENÇA, PARTILHA, OUVIDO E CONFIANÇA EM SI

Relacionar-se com os da sua idade e fazer experiência de pertença ajuda o adolescente a definir a própria identidade pessoal e também eclesial. Nas

reuniões diocesanas, nacionais e internacionais os adolescentes podem fazer a experiência que são tantos os da mesma idade que vivem a fé e que estão à procura da modalidade de como experienciá-la e testemunha-la. O grupo cria continuidade! Ter um grupo, uma comunidade, um grupo de pessoas para compartilhar valores, experiências, idiomas, mas ao mesmo tempo estar aberto e à escuta do que os envolve pode fazer toda a diferença na vida do adolescente.

Aderir a um grupo, a um movimento, à missão, a Jesus é para eles uma escolha, grande e livre, na qual eles crescem dia após dia, experiência após experiência, e isso leva a uma certa responsabilidade, porque significa fazer parte de algo maior do que eles e para quem eles são chamados. Os adolescentes são capazes de escolher, exercer uma responsabilidade, mesmo com sua instabilidade e descontinuidade, no confronto com os do seu grupo, com a família e com o mundo..

OUVIR

Os adolescentes devem ser ajudados a descobrir qual é o seu próprio carisma pessoal, afastando a atenção das suas necessidades, para desenvolver as próprias forças e empenhar-se numa tarefa que os fascine.

O apoio de adultos significativos é um fator promocional que, somado ao apoio dos pais, enriquece a contribuição destes e influencia a esfera social do

adolescente.

Sacerdotes, consagrados e animadores têm muitas oportunidades de estar em relação com adolescentes em contextos e situações que abram importantes possibilidades para a

escuta. Escutar adolescentes em confissões ou em momentos de retiro espiritual, no caminho da iniciação à fé ou na formação missionária requer cuidados e habilidades que não estão apenas ligadas aos conteúdos específicos, mas sobretudo à gestão das relações.

Escutar como sacerdote, consagrado ou animador significa saber como deixar a porta aberta para o outro pelo que é, como é capaz de expressar seu ponto de vista. Significa ser capaz de valorizar o que se comunica laboriosamente, valorizá-lo, considerando o seu percurso de crescimento.

NA RELAÇÃO BIDIRECIONAL

E isso se baseia na relação que não pode estar apenas em uma direção, do adulto para o adolescente, mas tem de ser necessariamente bidirecional. Mesmo o sacerdote, o consagrado e o animador devem saber como ativar seus próprios canais de recepção, a fim de fazer bem o que sua missão propõe e de ouvir e valorizar o adolescente, sobretudo aquele descontinuo, que faz dificuldade, que não consegue a estar ao mesmo nível dos outros ou simplesmente aquele que às vezes se pergunta o que está fazendo. É que a escuta serve ao adolescente:

- para praticar um espaço e um tempo de reflexão o significado do que está a acontecer na sua vida, por que isso acontece;
- para contextualizar o problema exposto vivendo-o como um momento do percurso evolutivo que ocorre ao longo do tempo;
- para perceber no presente um futuro “melhor”.

PROPOR CERTEZAS

Aos educadores, Francisco, quando ainda não tinha sido eleito Papa, dirigiu-se da seguinte maneira:

“Neste período marcado pela crise e pelas mudanças, não vos envergonheis de propor certezas. Nem tudo está em movimento, nem tudo é instável, nem tudo é resultado de cultura ou consenso. Há algo que nos foi dado como um dom, que supera nossas capacidades, que





vai além de tudo o que podemos imaginar ou pensar ... Neste momento de mudança histórica e de grande crise, a Igreja precisa da força e perseverança dos educadores e dos animadores cristãos que, com a sua fé, humilde mas segura, ajudam as novas gerações a dizer com o salmista: “Com o meu deus saltarei muralhas” (Sl 18 (17), 30), “Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo, porque Tu estás comigo”(Sl 23 (22),4).”⁴

Hoje o próprio papa Francisco reitera a importância do papel dos jovens e dos adolescentes na Igreja e na sociedade:

“Têm um papel preponderante. Eles não são o futuro dos nossos povos; são aqueles que já hoje com os seus sonhos, com a sua vida, estão forjando o espírito da humanidade. Não podemos pensar no amanhã sem lhes oferecer uma real participação como agentes de mudança e de transformação. Não podemos imaginar o futuro sem os tornar participantes e protagonistas”.

UMA EFICAZ COMUNICAÇÃO

Um grande risco é o de continuar a operar e a fazer propostas com uma linguagem que para muitos, em particular os adolescentes, se tornou incompreensível. É urgente e indispensável reescrever a gramática da evangelização para uma eficaz comunicação. E nós temos um esplendido Mestre: Jesus, cuja linguagem não era apenas fascinante mas cheia de vida e rica de experiências quotidianas; era isto que fascinava e atraía até os mais jovens, como o rapaz dos cinco pães e dois peixes que o tinha seguido ao longo do caminho por entre a multidão.

Acompanhar os adolescentes a serem grandes em “idade, sabedoria e graça” não significa apenas transmitir conteúdos mas uma verdadeira missão de anunciar um Deus real e concreto,

humano e humanizante na pessoa de Jesus Cristo. Seguir Jesus no serviço aos mais pequeninos é uma tarefa de liberdade que torna a pessoa capaz, com criatividade, de reconhecer a beleza nos gestos mais óbvios e repetitivos.

É necessário fazer seu o olhar de Deus sobre os adolescentes que no centro da comunidade cristã são constituídos pelo Senhor como memória do passado, profecia do presente e consciência do hoje. Só o conseguiremos se estivermos convencidos de que os adolescentes com todas as suas características e especificidades são capazes de Deus.

O EDUCADOR ATENTO

O educador atento e sábio, não se substitui aos adolescentes nas decisões, mas escolhe como e onde deve colocar-se para os ajudar a crescer. Por vezes coloca-se à frente para indicar o caminho; outras vezes ao lado para apoiar e dar a mão; outras vezes atrás para evitar que abandonem o caminho iniciado. Respeitar os adolescentes significa escutá-los, deixá-los falar, tomando a sério os seus sentimentos e as suas palavras sem menosprezá-las.

IMPLICARLOS NA IGREJA

O protagonismo das crianças e dos jovens na Igreja é a tradução do projecto pastoral daquele "colocar no centro" de Jesus, é cuidar deles, tornando-os capazes de andar sozinhos, de se tornarem grandes na fé e na vida.

As crianças e os adolescentes, segundo Jesus, não podem ficar à margem a olhar, mas devem estar envolvidos como sujeitos com autonomia.

Jesus inverte a posição deles, afirmando que eles são o horizonte de valores do adulto e do discípulo. São a memória visível e concreta da forma de pequenez e fragilidade com que o Senhor está presente entre os seus, no coração da Igreja. A Igreja, ao longo do seu caminho, deve sempre confrontar-se e escolher entre dois tipos: ser a Igreja dos grandes, dos mais importantes, ou ser a Igreja das crianças / adolescentes no centro e deixar-se por eles evangelizar o coração e a Vida.

O protagonismo das crianças existe porém apenas em virtude de uma relação baseada na confiança e com a consciência de que o que vivemos hoje faz parte de um projeto maior.

Somos responsáveis por ajudar crianças e adolescentes a serem protagonistas, mas sem promover um senso de liderança.

PROTAGONISMO E SERVIÇO

O termo protagonista agora é de uso comum também na pastoral e no que diz respeito à vida da Igreja, fala-



se de fato de atores da pastoral com o significado de não permanecerem assistindo enquanto espectadores e simples receptores do que é proposto pelos padres, pelos animadores e por pessoas consagradas nas diversas áreas eclesiais. Foi isso que Dom Charles de Forbin Janson também quis dizer quando propôs às crianças de França para o ajudarem.

Contudo, não podemos esquecer o estilo de Jesus que é o do serviço.

Ser protagonistas na missão da Igreja significa pôr-se a serviço do Senhor a fim de que o seu Reino se difunda em toda a terra e cada pessoa e cada criança o possam conhecer. Esta participação na missão da Igreja que emana do batismo assume várias categorias, em primeiro lugar a oração, depois a ação e a cooperação.

Voltando ao "ser protagonista e servir", podemos dizer que, para Jesus, o serviço não era apenas uma experiência, um aspecto de sua vida. Ser servo é aquilo em torno do qual Jesus simboliza todo o seu ser e sua missão. Mas esse serviço fez de Jesus o protagonista? Ele foi o primeiro ator?

Dos evangelhos, parece que não encontramos uma tal atitude. Jesus nunca agiu sozinho: as palavras que ele fala não são dele, mas as do Pai, ele entra no deserto impulsionado pelo Espírito, escolhe o seu povo após uma noite de oração, no Espírito, ele ressuscitou para uma nova vida.





Portanto, a história de Jesus não parece nos contar sobre protagonismo.

E se cada um de nós é chamado a encarnar Jesus em nossas vidas e fazê-lo crescer, e se a história da salvação é a história de Deus e a história do homem, ou melhor, a história de Deus na história humana, então, em vez de sermos protagonistas, devemos falar sobre co-agonistas.

CO-AGONISMO

Pai, Filho e Espírito Santo são co-agonistas, eles agem apenas juntos porque são o único Deus que é Amor.

A beleza do amor, de ser cristão, de ser batizado, discípulos missionários, consiste precisamente nisso: não querer ser protagonista ou dar ao outro o protagonismo, mas sempre ser co-agonista, reconhecer que nossa identidade se realiza somente no estar juntos.

Isso não significa apenas dar espaço para crianças e adolescentes, mas construir juntos, ser uma missão juntos, integrar caminhos e propostas para ativar dinâmicas de verdadeira co-agonismo que são mais laboriosas, mas cheias de futuro.

Agonista: participante, ator

Protagonista: primeiro ator

Co-agonista: participar juntos e explorar seus talentos, habilidades e criatividade, tornando-os capazes de exercer as diversas responsabilidades.

UMA IGREJA QUE ACOLHE

Com os adolescentes, os desafios eclesiais são vários, inclusive o de ser uma Igreja que acolhe, educa, acompanha, é um ponto de referência, propõe fé, anuncia Cristo; uma igreja que testemunha o amor ilimitado a todo ser humano e que deseja crescer, comprometer e

viver uma fé escolhida e alegre. Uma igreja onde se pode encontrar adultos de todas as idades que lhes abrem horizontes de conhecimento e ação, que testemunham uma vida realizada e que dão confiança. E tudo em nome de Jesus Cristo.

Se na parábola dos trabalhadores na vinha, *Christifideles laici* fala das diferentes horas do dia em que há o chamado do padrão como as idades da vida, então somos responsáveis por não fazer com que os adolescentes se tornem os trabalhadores da última hora que permanecem na praça, na beira da estrada para assistir e esperar porque ninguém os chamou.

A Redação

NOTAS

¹ Bucciarelli C., *Adulti-adolescenti: relazione cercasi, Ave, Roma 1993.*

² Dati Unicef

³ Cfr. Siegel D., *La mente adolescente*, Raffaello Cortina Editore, Milano 2014

⁴ Card. Bergoglio, *Chiamati a servire e ad annunciare*, Buenos Aires, 12 marzo 2005.



NÃO OS DEIXEMOS SÓS!

ACOMPANHAR OS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS ADOLESCENTES

...Gostaria de partilhar convosco alguns “pressupostos” que nos podem ajudar nesta reflexão. Muitas vezes não nos damos conta, mas o espírito com o qual meditamos é tão importante quanto o seu conteúdo (um bom atleta sabe que o aquecimento conta tanto quanto o sucessivo esforço). Por isso, esta conversa quer ajudar-nos em tal sentido: um “aquecimento”, e depois caberá a vós “jogar”...

Educar os adolescentes em movimento. A adolescência é uma fase de passagem na vida não apenas dos vossos filhos, mas de toda a família — é a família inteira que está em fase de passagem — vós o sabeis e o viveis; e como tal, na sua globalidade, devemos enfrentá-la. É uma fase-ponte, e por este motivo os adolescentes não se encontram nem aqui nem lá, estão a caminho, em trânsito. Não são crianças (e não querem ser tratados como tais) e também não são adultos (mas querem ser tratados como tais, de modo especial no plano dos privilégios). Vivem exatamente esta tensão, antes de tudo em si mesmos e depois com quantos os circundam. Procuram sempre o confronto, fazem perguntas, debatem sobre tudo, buscam respostas; e às vezes não ouvem as respostas mas fazem outra pergunta antes que os pais lhes dêem a resposta... Passam através de vários humores, as famílias juntamente com eles. No entanto, permiti-me dizer-vos que se trata de um tempo precioso na vida dos vossos filhos. Uma fase difícil, sim. Um tempo de mudanças e de instabilidade, sim. Uma fase que apresenta grandes riscos, sem dúvida. Mas

acima de tudo é um tempo de crescimento para eles e para a família inteira. A adolescência não é uma patologia e não podemos enfrentá-la como se assim fosse. Um filho que vive a sua adolescência (por mais difícil que possa ser para os pais), é um filho com futuro e esperança. Preocupa-me muitas vezes a tendência atual a “medicar” precocemente os nossos adolescentes. Parece que tudo se resolve com medicamentos, ou controlando tudo com o slogan “aproveitar ao máximo o tempo”, e assim resulta que a agenda dos jovens é pior que a de um alto dirigente.

Por isso insisto: a adolescência não é uma patologia que devemos combater. Faz parte do crescimento normal e natural da vida das nossas crianças. Onde há vida há movimento, onde há movimento há mudança, busca, incerteza, esperança, alegria e também angústia e desolação. Enquadremos bem os nossos discernimentos no âmbito de processos vitais previsíveis. Existem limites que precisamos conhecer para não nos alarmarmos, para não sermos negligentes e sabermos acompanhar e ajudar a crescer. Não é tudo indiferente mas nem tudo tem a mesma importância. Portanto, é preciso discernir quais batalhas devem ser travadas ou não...

Os nossos jovens procuram ser e querem sentir-se — logicamente — protagonistas. Não gostam de se sentir comandados nem de obedecer a “ordens” que chegam do mundo adulto (seguem as regras do jogo dos seus “cúmplices”). Buscam aquela autonomia cúmplice que os faz sentir como se “comandassem sozinhos”... Nesta busca da autonomia que os jovens





desejam encontramos uma boa oportunidade, especialmente para as escolas, as paróquias e os movimentos eclesiais. Estimular atividades que os ponham à prova, que os façam sentir protagonistas. Precisam disto, ajudemo-los! Eles procuram de muitos modos a “vertigem” que os faça sentir vivos. Portanto, demos-lha! Estimulemos tudo o que os ajuda a transformar os seus sonhos em projetos e que possamos descobrir que todo o potencial que têm é uma ponte, uma passagem para uma vocação (no sentido mais amplo e bonito da palavra). Proponhamos-lhes metas amplas, grandes desafios e ajudemo-los a realizá-las, a alcançar as suas metas. Não os deixemos sós. Por conseguinte, desafiemo-los mais do que eles nos desafiam. Não deixemos que recebam a “vertigem” de outros, os quais só põem em risco as suas vidas: demos-lha nós! Mas a vertigem certa, que satisfaça este desejo de se mover, de ir em frente... Torná-los protagonistas de alguma coisa.

Isto requer que encontremos educadores capazes de se comprometer no crescimento dos jovens. Requer educadores estimulados pelo amor e pela paixão de fazer crescer neles a vida do Espírito de Jesus, de fazer ver que ser cristão exige coragem e é algo bom. Para educar os adolescentes de hoje não podemos continuar a utilizar um modelo de instrução meramente escolar, só de ideias. Não. É preciso seguir o ritmo do seu crescimento. É importante ajudá-los a adquirir autoestima, a acreditar que realmente podem ter bom êxito naquilo que se propõem. Em movimento, sempre.

Este processo exige que se **desenvolva de maneira simultânea e integrada com as diversas linguagens que nos constituem como pessoa**. Isto é, ensinar aos nossos jovens a integrar tudo o que são e que fazem. Poderíamos chamá-la uma alfabetização sociointegrada, ou seja, uma educação baseada no intelecto (a mente), nos afetos (o coração) e na ação (as mãos). Ela oferecerá aos nossos jovens a possibilidade de um crescimento harmonioso a nível não só pessoal mas ao mesmo tempo social. É urgente a criação de lugares onde a fragmentação social não seja o esquema dominante. Para tal

finalidade é preciso ensinar a raciocinar sobre o que se sente e se faz, a sentir o que se pensa e se faz, a fazer o que se pensa e se sente. Isto é, integrar as três linguagens. Um dinamismo de capacidade posto ao serviço da pessoa e da sociedade. Isto ajudará a fazer com que os nossos jovens se sintam ativos e protagonistas nos seus processos de crescimento e os levará também a sentir-se chamados a participar na construção da comunidade.

Querem ser protagonistas: demo-lhes espaço para que sejam protagonistas, orientando-os — obviamente — e dando-lhes os instrumentos para desenvolver todo este crescimento. Por isso considero que a integração harmoniosa dos diversos saberes — da mente, do coração e das mãos — os ajudará a construir a sua personalidade. Muitas vezes pensamos que a educação seja comunicar conhecimentos e ao longo do caminho deixamos os analfabetos emotivos e jovens com muitos projetos irrealizados porque não encontraram quem lhes ensinasse a “fazer”. Concentramos a educação no cérebro descuidando o coração e as mãos...

*DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
NA ABERTURA DO CONGRESSO PASTORAL
DA DIOCESE DE ROMA 19 de junho de 2017*



NATALYS

uma pequena GRANDE missionária

Esta história começa numa pequena aldeia de uma fábrica de açúcar chamada Haiti, perto de Santa Cruz del Sur, na província de Camaguey. Aqui nasceu em 26 de novembro de 1979 uma garotinha chamada Natalys Vidal Menéndez, seus pais Ismael Vidal e Mariela Menéndez e seu irmão Andy Vidal. Família simples e pobre que viveu sem descobrir as riquezas da fé.

Ainda criança, Natalys sentia um grande interesse pela igreja. Sempre que, junto com seus pais, ela passava pela pequena capela da vila, sentia um forte

desejo de entrar, mas isso não era permitido pela sua família. No entanto, em muitas ocasiões, tendo já oito anos de idade, ela ia sozinha até à igreja, mas permanecia à entrada da porta, com tristeza e medo que fosse descoberta pelos pais ou então pelo irmão.

O seu desejo era tão forte, que ninguém

conseguia impedir-lhe que fosse à igreja.

A PRIMEIRA VEZ NA IGREJA

Aos oito anos de idade, com um amigo dela, visitou a igreja pela primeira vez. Naquele dia, foi-lhes dada a Bíblia da Criança, que para ela se tornou um grande presente. Quando chegou em casa, contou ao seu pai a experiência dessa visita e disse que queria continuar. Ao que ele retorquiu, a igreja é algo de sério, não é apropriada para crianças. No entanto, ela ficou muito impressionada.

O tempo passou e o seu desejo não desapareceu. Foi então que, no Natal de 1989, ela entrou na igreja, mas desta vez juntamente com o seu irmão Andy, levado por ela, para que também ele conhecesse Deus e sentisse o que ela sentia naquele lugar. Sem o saber, ela estava a tornar-se uma grande missionária.

A partir daquele dia, Natalys nunca deixou de frequentar a igreja.

A sua espiritualidade aumentava dia após dia. Todos viram a sua fé e a sua devoção. Muitos deram testemunho de como aquela criança tinha sido transformada a partir do momento em que ela deu entrada na igreja. De fato, ela sentia uma alegria interior e até irradiante que os outros podiam ver. Apesar de sua tenra idade, ela tinha um grande



respeito pela igreja e pela religião.

DETERMINAÇÃO

O seu pai contou-nos que nos primeiros dias de escola os resultados não eram satisfatórios. A sua professora chamava à atenção pelas suas notas muito baixas. Mas um dia, por ocasião de um exame de matemática, Natalys disse à sua professora:

“Professora, amanhã eu receberei cem valores!”

E assim foi. Ela deu o exame e obteve a nota máxima. Para a menina foi uma grande alegria, pois até então nunca tinha alcançada tal pontuação. A partir daquele momento todas as suas notas passaram a ser excelentes.

Ela aconselhou também o seu irmão Andy para que fizesse a mesma coisa. Ela era muito exigente e estabeleceu metas que surpreendiam a todos. A sua seriedade e perseverança foram um exemplo de admiração.

UMA MENINA ESPECIAL

Ela sentia no seu coração uma imensa paixão por Jesus, e, alimentava-se todos os dias da Palavra de Deus, que por sua vez transmitia com grande emoção à sua família e amigos.

Foi assim, gradualmente, que ela conheceu a Deus e se envolveu com sua pequena igreja. Ela era pequena, mas com ardor missionário. Era simples e doce, o seu rosto refletia paz.

A sua catequista comentou com o próprio pároco que se tratava de uma criança especial, que ela viu algo nela que nunca tinha visto nas outras crianças. O sacerdote, padre Wilfredo Pino, começou a observá-la mais de perto e percebeu que o que a catequista afirmava era mesmo verdade. Ele observou que realmente era muito dedicada à Igreja e a Deus, por isso o padre aproximou-se dela e, entre os vários assuntos dos quais falaram, a criança manifestou-lhe o desejo de querer ser como ele, porque ela queria apenas oferecer-se a Jesus e ajudar os outros.

O padre não estava à espera de tais palavras, e, vendo essa ansiedade, falou-lhe da existência das freiras que



a criança ainda não conhecia. Contou-lhe alguma coisa sobre a vida de dedicação delas e isso ainda lhe despertou maior interesse.

ENCONTRO DECISIVO

Após essa conversa, o padre percebeu que, realmente ela era uma criança excecional, e que aquilo que a catequista tinha afirmado sobre ela era verídico.

O padre ficou perturbado, e, vendo assim tanto entusiasmo, convidou uma freira teresiana para que a criança conhecesse pessoalmente uma Irmã. Assim, na semana seguinte, chegou a Ir. Ana Maria. A partir desse dia, a menina entrou em contato com essa freira, que mais tarde continuou a visitar a comunidade.

Mariella, sua mãe, conta-nos que um dia a garota lhe disse que queria vir a ser freira e retorqui-lhe:

“Mas minha filha! O que é que me dizes? Estás doida!”

A INFÂNCIA MISSIONÁRIA

Em 1992, a Infância Missionária deu os primeiros passos em Cuba e, portanto, Enrique Cabrera visitou a comunidade daquela aldeia para motivar e animar a Obra da Infância missionaria. Ele começou lá com as poucas crianças da catequese e o grupo permaneceu organizado.

Natalys mostrou simpatia especial por esse trabalho missionário. Ela imediatamente fez parte desse movimento, participando de todas as atividades com grande entusiasmo e espírito missionário. Dentro do grupo, ela transmitiu com grande seriedade os vários temas que lhe eram confiados, para que os desenvolvesse.

Com o passar do tempo, muitas crianças e adultos foram contagiados com o exemplo daquela criança. Ela era uma verdadeira missionária que todos escutavam atentamente. Naquela época, muitas pessoas não iam à igreja por medo, porque o governo era ateu e as pessoas religiosas eram perseguidas. Mas, apesar disso, alguns continuaram fiéis. Natalys sem medo proclamou o Evangelho. Ela, partilhava sempre com as outras pessoas a mensagem que recebia todos os domingos durante a Santa Missa. Para ela, isso significava muito, por conseguinte ela agiu com determinação e empenho.

O SOFRIMENTO

Alguns anos depois, começou a sentir fortes e contínuas dores de cabeça, o que a obrigou a ficar de cama. Apesar de tanto sofrimento, pois as dores tornavam-se cada vez mais fortes, ela nunca perdia a alegria. Fizeram-lhe as necessárias análises, testes médicos e, finalmente, os médicos revelaram o diagnóstico: Natalys tinha um tumor cerebral. Realizaram rapidamente a primeira de uma série

de intervenções cirúrgicas às quais deveria ser submetida.

Parecia que estava a correr tudo bem. Ela voltou para a escola, mas por um período muito breve. Uma das primeiras consequências do tratamento médico a que era submetida, foi a perda dos seus cabelos. Brevemente completaria os quinze anos de idade.

DESEJO DE ANIVERSÁRIO

Ela pediu com todo o seu coração a Jesus para que os seus cabelos voltassem a crescer a tempo para sua festa, um pedido em que ninguém acreditava que pudesse ser satisfeito, mas ela sentia-se segura e confiante de que Jesus prestaria ouvidos à sua oração. Para Deus, nada é impossível. Isso pôde ser visto quando o pedido dela foi concedido pela infinita bondade de Deus: chegou o dia que ela esperava com tanta ansiedade e os seus cabelos já tinham crescido para a festa de aniversário. A festa foi muito simples. Tiraram poucas fotografias, mas as mais importantes para Natalys foram as duas que ela ofereceu à freira teresiana que a amava tanto e que era a sua melhor amiga. Uma fotografia com o seu vestido branco ao lado da imagem da Virgem da Caridade e outra na contemplação de Santa Teresa, pela qual sentia muita devoção desde que conheceu a sua vida.

Ela teve que regressar ao hospital e voltar à sala das operações. Os médicos e as enfermeiras contam-nos que ela ia cantando para Jesus. A sua enfermidade agravou-se e ela nunca mais voltou para casa. Todo o mundo teme o fim, mas Natalys está tranquila: ela sabe que finalmente irá para o céu.

OFERECER A DOENÇA PELAS MISSÕES

Ela também conhecia a vida de Santa Teresa do Menino Jesus e sabia que também ela tinha oferecido sua doença pelas missões. Naqueles anos, a Obra da Infância missionária visava atingir todas as dioceses do país. Por esse motivo, os filhos de Camaguey tinham



um slogan que dizia: "*A Infância Missionária chegará em toda a Cuba*". Ela ofereceu a sua doença pela Infância Missionária, para que este trabalho chegasse a todo o país de Cuba. Assim fez-nos saber Enrique Cabrera (Fidelito), um leigo que tinha iniciado esse trabalho em Cuba e que o animava naqueles momentos.

A criança repetiu novamente a Fidelito que a Infância Missionária chegaria a todo o país de Cuba, porque assim como Santa Teresina, também ela tinha oferecido a sua doença.

Em 2 de julho de 1995, Natalys partiu para o céu. Ela tinha um forte desejo de estar com Deus e agora vive para sempre com Ele. Ela é feliz ao lado de Jesus e do céu intercede por nós e, sobretudo, pelas crianças missionárias.

Um acontecimento que despertou a atenção de todos, foi o fato de a Irmã Ana Maria, que tinha acompanhado essa criança e sentia muito amor por ela, não ter podido ver o final da história, pois a sua superiora decidiu transferi-la para o México. O fato curioso é que a freira apanhou o avião rumo à nova destinação no dia 2 de julho de 1995 às 15 horas, no mesmo dia e no mesmo horário em que Natalys fechou os olhos para sempre.

Foi algo de maravilhoso e curioso, quando, depois da sua partida para o céu, começaram a chegar cartas de alguns bispos, pedindo-lhes que viessem fundar e animar a Obra da Infância Missionária nas suas dioceses. Foi assim, que começou a despertar o interesse em todas as dioceses para a fundação da Obra. Então, um compromisso mais profundo começou a espalhar esse trabalho em Cuba.

PEQUENA GRANDE EVANGELIZADORA

Anos depois, o slogan poderia tornar-se realidade. Temos a certeza de que, do céu, essa pequena criança missionária nos ajudou muito e continua a interceder pela Obra da Infância missionária em Cuba. Esta história é um ótimo exemplo.

Natalys foi aquela criança que soube encontrar o modo de levar Jesus para o seio da sua família e não só, levou-O a todos. Pouco tempo depois, o seu irmão

Andy descobriu a sua vocação sacerdotal, entra no seminário e foi ordenado sacerdote.

Os seus pais Ismael e Mariela não tinham fé. Natalys sabia como ser missionária no seio da sua própria família. Hoje, os seus pais são felizes por terem encontrado Jesus graças à sua filha, apoiaram a decisão do seu filho Andy e sentiram muito orgulho ao ver que se tornava sacerdote.

Agradecemos a Deus por esta criança que nos deixou tantos testemunhos e nos ajuda a aumentar a nossa força missionária. *scere la nostra forza missionaria.*





PAULINKA e OS AMIGOS DO CÉU

Paulinka nasceu em 1990. Ela morou numa pequena aldeia na região de Mazovia, no centro da Polônia. Viveu apenas 13 anos, mas sua vida foi muito frutuosa. Através de sua experiência de fé, ela enriqueceu não só os seus parentes, mas também os seus vizinhos e as crianças da sua idade. Ela escreveu cartas, poemas e testemunhos de fé, tocando os corações e as mentes de muitos animadores da Pontifícia Obra da Infância Missionária que, como ela, enveredaram pelo caminho da santidade posta em prática através do seu próprio empenho.

Paulinka nunca conheceu a alegria de correr, escalar ou andar despreocupada sozinha, pois sofria de atrofia muscular espinhal. Essa doença incurável, que enfraqueceu gradualmente todo o seu corpo, causou-lhe um grande sofrimento e, no entanto, como ela mesma enfatizava repetidamente, era uma criança feliz, pois os seus pais confessaram numa carta enviada à equipe

editorial do “Mundo Missionário”: *Foi a felicidade que lhe deu uma profunda piedade.* “Desde tenra idade, ela adorava rezar a Jesus, a Nossa Senhora Mãe de Deus e aos santos. Ela rezava o rosário completo, com surpresa e admiração dos seus pais. Ela tinha o rosário dependurado na parede do seu quarto e praticava vários sacrifícios, especialmente durante a Quaresma.

AMIGOS DO CÉU

A sua fé profunda e a piedade, tinham-lhe sido transmitidas pelos seus pais e por outros membros da família; de fato, ela, cresceu numa atmosfera de grande religiosidade.

Como afirmam os pais, Paulinka leu muitos livros, na maior parte das vezes de conteúdo religioso. Ele leu os livros do Antigo Testamento e as biografias de muitos santos. A leitura da “Vidas dos santos” marcou profundamente o seu coração e a sua memória. Sobre a cabeceira da sua cama, ela tinha criado um grande “quadro de santos”, onde tinha colocado os seus santos favoritos: Beato Henry Suzo, Santa Rita, Beata Margherita di Castello, Beato Jacinto, Santa Faustina e a serva de Deus Paulina Jaricot. Todos os dias ela “falava” com os seus “amigos do céu”, pois era assim que os chamava.

DOENÇA COMO DOM (DE DEUS)

Para ela a oração era algo muito natural e necessário na sua vida quotidiana. Ela rezava de manhã e à noite, antes e depois das refeições, nos momentos de alegria e nos momentos de tristeza.

Todos os acontecimentos, encontro ou qualquer dificuldade eram um impulso e motivo para recorrer a Deus. A oração ajudava-a a viver o sofrimento. A espiritualidade mudou o seu modo de pensar: à pergunta “porquê a mim?” Mudou para “para quem é que posso oferecer este sofrimento?” Perceber a doença como um “dom” era o caminho para a santidade. Seguindo o exemplo de santos específicos, ela descobriu que o sofrimento, juntamente com a oração, pode ser oferecido a Deus para intenções específicas. Por isso, ela amava tanto o trabalho da infância missionária.

“Foi mais fácil para ela sofrer quando sabia que estava a sofrer, como dizia ela, os mesmos sofrimentos dos seus amigos do céu: Santa Teresa de Liseux, Santa Faustina, Jacinto” - lembram os pais. – “Enquanto ela estava em terapia intensiva, nunca deixava que lhe tirassem o escapulário e a medalha milagrosa que trazia sempre consigo”.

A OFERTA DO SEU SOFRIMENTO



Paulinka con la cugina davanti alla “bacheca” dei santi

A criança confiava profundamente que, por meio da fé, da oração, da oferta do sofrimento, do testemunho de vida e do apoio à infância missionária, o destino dos seus contemporâneos nos países de missão pudesse mudar. Ela também apoiou missionários e missionárias nas várias dificuldades do seu trabalho. Sentia uma relação profunda com as crianças que ela ajudava através deste trabalho, na África, na Ásia, nas ilhas da Oceânia, mas também com as crianças que, juntamente com ela no seu trabalho, rezaram e apoiaram a IAM. Ela, era uma leitora fervorosa do mundo missionário e correspondia

com a equipe editorial. A serva de Deus Paulina Jaricot, inspirou-a no seu empenho missionário. Ela enfatizou repetidamente o vínculo especial que existia entre ela e a sua “santa” homônima. Na vida de Paulina Jaricot e sua experiência de fé, ela encontrou inspiração para a sua própria vida.

ANIMADORA MISSIONÁRIA

Paulinka era uma animadora da IAM extremamente fervorosa em várias maneiras. Juntou-se à Pontifícia Obra da Infância Missionária com abnegação. Na sua paróquia não havia nenhum grupo deste

gênero, e, ela recebeu da sua catequista um jornal da Infância Missionária intitulado “Mundo Missionário”, que foi fonte de inspiração para que escrevesse uma carta ao diretor pedindo para ser admitida.

Assim começou a correspondência entre ela e a Secretaria Nacional da Infância Missionária na Polônia. Paulinka tornou-se a primeira animadora missionária na sua aldeia, falando do seu trabalho aos seus companheiros da escola, compartilhando materiais de missão e incentivando-os para que rezassem juntos pelas missões. A criança partilhou os seus “sucessos” missionários através das suas cartas endereçadas ao secretariado da Infância Missionária e a notícia da sua morte em 2003 foi um autêntico choque. Nunca mencionou a sua doença em nenhuma das suas cartas. Pelo contrário, expressavam a alegria de viver e fervente atividade missionária. Elas refletiam uma fé profunda e uma vontade missionária.

Somente a análise de um de seus poemas (“Homem que Sofre”), que os seus pais tornaram público após a morte da própria filha, nos mostra a sua consciência do sofrimento.

CANÇÕES E POESIAS

O trabalho de Paulinka - a letra das suas músicas e poemas - refletem em grande parte a sua espiritualidade. É através delas que ela compartilha as suas emoções, muitas vezes a alegria da primavera que chega, o prado florido, o cantar de um passarinho. Há também histórias engraçadas, anedotas, situações observadas que ela queria compartilhar. É a aparência de alguém extremamente bom, gentil, empático, que percebe o bem e a beleza em tudo e em todos. Nos seus poemas, você pode sentir a certeza de que o mundo é belo e é um dom maravilhoso para todo o ser, porque foi criado por um Deus bom e amoroso. As suas obras, ainda que pequenas, contêm descrições de santos, de familiares e de pessoas que ela conheceu.

Os poemas de Paulinka foram publicados num jornal local (Gazeta Gostyńska, n.º 2/2003, de 1 de fevereiro de 2003) e nos periódicos “Mundo

missionário” e “O pequeno arqueiro da Imaculada”.

A primeira coleção de poemas intitulada “Viver com uma poesia pintada”, publicada pela Associação “Nosso Futuro”, foi editada após a sua morte, graças aos esforços levados por diante pelos amigos da criança e pelos alunos da escola secundária de Bulków.

“Paulinka já não está entre nós, mas a sua atitude admirável e respeitosa tornou-se uma inspiração para os jovens que leem esses poemas extraordinários que exprimem admiração pelo mundo, as esperanças e as decepções que a vida traz, sonhos e desejos”, escreveu o editor na introdução a este volume.

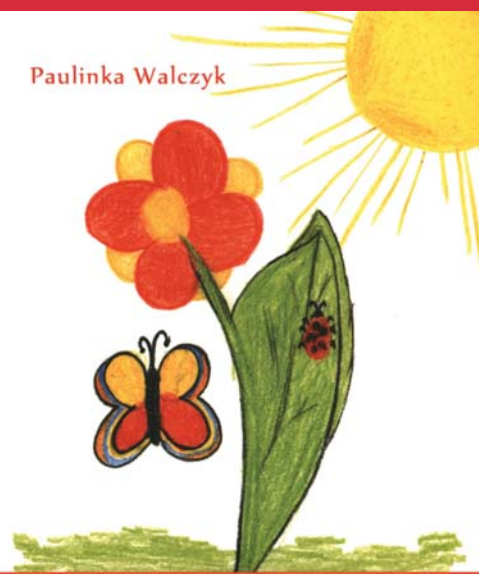
Outro volume ampliado e decorado com poemas, foi publicado pela Pontifícia Obra da Infância Missionária - Polónia e ilustrado pelas crianças pertencentes a IAM, que não conheciam Paulinka e nem sequer o seu trabalho, mas eram da mesma diocese. Estes são os filhos da escola primária de Szczytno, dirigida pela senhora Eliza Łoniewska, animadora e catequista.

INSPIRADO POR PAULINKA

A publicação deu lugar a uma onda de eventos extremamente emocionantes.

Por iniciativa das próprias crianças, foi proposto apresentar poemas e canções de Paulinka Walczyk a um público mais amplo, de forma teatral. Este projeto cresceu; os alunos, com a ajuda dos professores e pais, prepararam trajes, decorações, cenários artísticos e canções sobre o tema dos poemas, que tinham sido recolhidas e divulgadas através de um volume publicado pela Pontifícia

Paulinka Walczyk



Objąć misje
małenkim sercem

Obra da Infância Missionária na Polónia. Na apresentação do volume, estavam entre os convidados, os pais de Paulina, os seus amigos e professores, os diretores das escolas próximas e o bispo Piotr Libera, ordinário da diocese de Płock. Foi uma experiência bonita e comovente para todos os presentes e para os animadores da IAM e um ótimo exemplo de animação missionária. Logo após esta ocorrência - graças ao testemunho do professor e organizador do evento escolar, a Sra. Eliza Iewoniewska, com a gerência nacional do POM - organizou espetáculos semelhantes, preparados por professores e alunos das escolas e centros, em várias partes da Polónia. Os relatórios de tais eventos testemunham o incrível impacto que a criatividade e o testemunho dessa criança tiveram sobre os outros.



Pontifícia Obra da Infância Missionária

*Pertencemos à Pontifícia Obra da Infância Missionária e entregamos a nossa vida a Deus.
Pelas pessoas que ainda não conhecem Deus e que frequentemente choram e sofrem tristezas.
Oremos por elas com todo o coração e peçamos a Deus pedimos por favor que elas conheçam a existência do céu e que comam pelo menos um pedaço de pão com frequência.
Unimo-nos com os nossos problemas aos missionários que vivem em terras longínquas e que querem que Deus ensine os homens.
Mas as crianças não podem ir para países distantes e aprender os costumes dos outros.
Mas quando leem a revista "O mundo missionário" conseguem compreender a vida dos seus contemporâneos.
Rezam por eles, para que aprendam o amor de Deus e que pelo menos possam experimentar um pouco de alegria.
Porque são exatamente as crianças que mais amam a Deus e abrem os corações das pessoas a Deus.
Querem-se tornar pequenos missionários e ser ajudantes exemplares de Jesus.
Para anunciar o Evangelho em todo o mundo seja no outono que no inverno, na primavera e no verão profundo.*



Paulinka con la sorellina e la mamma

ADOLESCENTES À PROCURA DE DEUS

REPÚBLICA DOMINICANA

Queremos partilhar convosco uma experiência missionária realizada em Samaná na República dominicana.

Depois de inúmeros convites feitos aos adolescentes da Paróquia, escolas, colégios, também àqueles que encontrávamos na rua e por onde passávamos, conseguimos organizar com eles encontros semanais que, com o tempo, foram aumentando, conservando, contudo, as características da sua própria realidade: inconstância, falta de pontualidade, e um pouco de preguiça.

Os adolescentes andam à procura de Deus. Nessa procura estão animados pelo próprio desejo mas também pelo das suas famílias, em particular as suas mães e avós, que em numerosas ocasiões, através do seu estilo próprio de dominicanos ou os seus sábios conselhos os “convenceram ou obrigaram” a participar.

Foi assim que, apesar de todas as dificuldades, começámos a missão não para os adolescentes, mas com os adolescentes através de uma série de atividades onde se viram implicados e atores da sua própria missão.

Desde que nos reunimos com eles, apercebemo-nos da presença de Deus e da Mãe do Bom Conselho que nos aconselhava e os aconselhava neste processo. São encontros onde vivemos a vida do dia-a-dia, de maneira simples mas fazendo a experiência de um conhecimento pessoal, da amizade, da oração, da participação na Eucaristia, na Missão, visitando as famílias e levando-lhes a Palavra de Deus, e rezando o Terço com as famílias, os doentes nos hospitais e

mesmo na prisão. Também realizamos cenas teatrais e outras atividades como noites recreativas, retiros, concertos, projeção de filmes e venda de alimentos permitindo, assim, recolher fundos para adquirir os seus uniformes e ajudar nas obras sociais.

E se nem todos puderam participar nas atividades por razões de idade, algum temor e timidez, isso não

impediu que todos se sentissem adolescentes missionários. Pois estamos certos de que esses momentos ficarão para sempre gravados no seu coração e na sua memória. Com alegria, outras vezes com algum temor, mas com muita coragem ele permitiram que as suas vidas se abrissem a uma experiência de encontro com Jesus dando, assim, força à sua fé cristã.

Estas atividades tiveram o seu

momento auge no Domingo 18 de Março na Eucaristia das 08h30 na qual um grupo de adolescentes da província de Samaná foi consagrado a Deus e ao serviço da Igreja com o nome de Adolescentes Missionários com um coração de fogo, comprometendo-se a pôr em prática o mandamento de Jesus: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente” (Mt 22,37).

Estes adolescentes participam na escola de Jesus, segundo a metodologia utilizada nas Obras Missionárias Pontificias, seguindo as suas orientações e critérios. No Domingo da sua consagração, eles disseram “SIM” a Deus, dispostos a unir a sua vontade para descobrirem como ser melhores, amar e servir dando um sentido efetivo ao seu caminho enquanto povo de Deus no seio da Igreja que um dia Jesus confiou a homens simples, para que se tornassem os seus mais próximos amigos.

Hoje os adolescentes de Samaná comprometem-se e agem na sociedade e no mundo ao jeito de Jesus.

*Irmã Carmenza Ramirez, EMSS
Comunidade de Samaná*



CRIANÇA, VAI E ANUNCIA

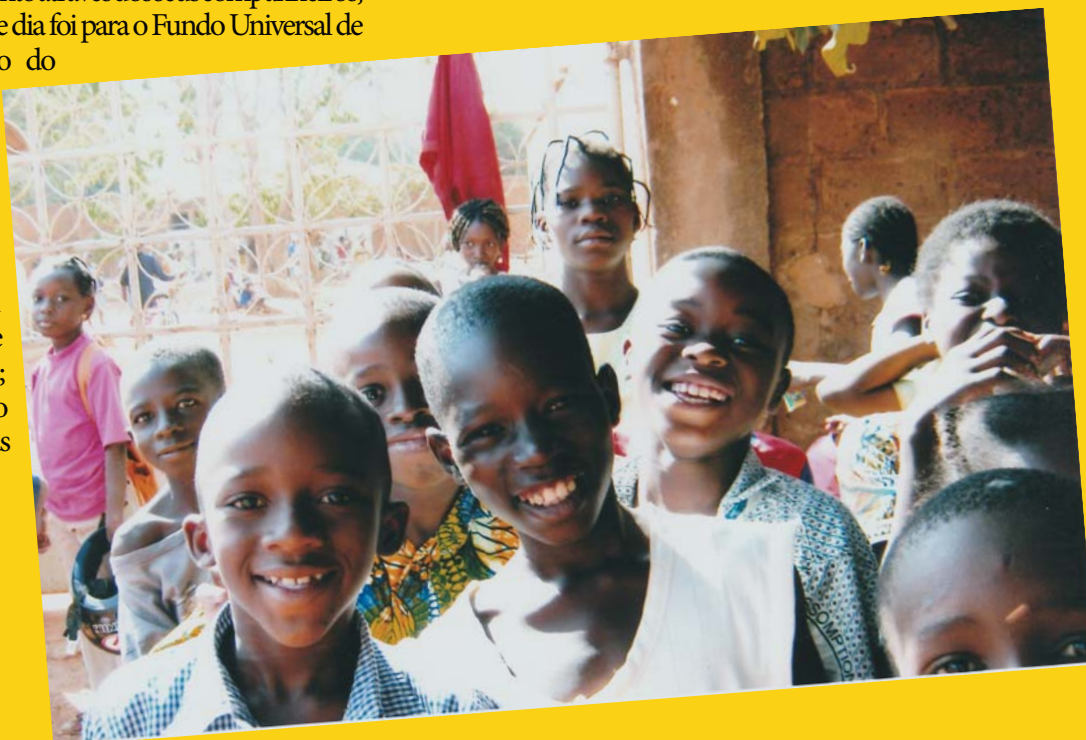


BURQUINA FASO

A Semana da Infância Missionária ocorreu em todas as paróquias e nas escolas Católicas da Diocese desde os dias 21 a 28 de fevereiro de 2018. O tema que inspirou a meditação das crianças e que deu uma orientação específica a todas as suas atividades foi: “Criança, vai e anuncia a todos tudo aquilo que o Senhor fez por ti”. As crianças viveram as atividades da semana no contexto habitual de suas vidas: a paróquia, as aldeias, as Comunidades Cristãs de Base (C.C.B.), as famílias, as escolas católicas. Durante esta semana, as crianças reuniram-se todas as noites para orar (ouvir e compartilhar a palavra de Deus, recitar o rosário) e animar (conscientizar, compartilhar experiências, cânticos, danças etc.). No final de cada reunião, as crianças, com a contribuição dos próprios pais, fizeram uma coleta espontânea para o Fundo Universal de Solidariedade. Os vários assistentes eclesiais e irmãs conselheiras orientaram discussões e exortações sobre o tema da semana.

A liturgia do domingo (cânticos, leituras, serviço ao altar), Dia da Infância Missionária, foi inteiramente preparada por elas. A coleta dessa missa é obrigatória e, como cada criança teve conhecimento através dos seus companheiros, a sua contribuição deste dia foi para o Fundo Universal de Solidariedade. O resto do

dia foi passado em alegria e partilha, no espírito de comunhão fraterna. Durante a semana, as crianças foram acompanhadas por adultos, cuja presença foi um forte sinal de encorajamento; mas toda a animação foi o trabalho das crianças.



Testemunhos missionários de algumas crianças da paróquia de São João Batista Dapelogo:

VIVIANNE : ta semana é a nossa semana. Rezámos nas nossas comunidades de base antes de nos encontrarmos, no sábado à noite, aqui na paróquia. Uma vez aqui, o catequista que nos segue fez uma palestra sobre o tema “Criança, vai e anuncia a todos tudo aquilo que o Senhor fez por ti”. Aprendi que, graças ao batismo, somos missionários de Jesus Cristo. Não é preciso esperar para crescer para dar testemunho d’Ele, da Sua bondade e da Sua misericórdia. Eu posso e devo fazer isso em todas as oportunidades, especialmente nas pequenas coisas.

SAMUEL : escolhemos quinta-feira durante a semana da Infância Missionária para testemunhar, perante os nossos irmãos doentes, a graça da saúde que Deus nos deu. Assim, com todos os alunos de nossa escola, mesmo aqueles que não são católicos, limpámos o Centro de Saúde Pública e Social (CSPS).

DOROTHÉE : Orações e boas ações, foi o que ela aprendeu nesta semana. No domingo, depois da missa, houve um festival com muitos jogos.

*Pai Nosso
o teu filho unigénito Jesus Cristo
ressuscitado de entre os mortos
confiou aos seus discípulos:
«ide e fazei discípulos todos os povos.»
Recorda-nos que através do batismo
nos tornamos participantes da missão da Igreja.*

*Pelos dons do Espírito Santo, concedei-nos a Graça
de ser testemunhas do Evangelho,
corajosos e vigilantes,
para que a missão confiada à Igreja,
ainda longe de estar realizada,
possa encontrar novas e eficazes expressões
que levem vida e luz ao mundo.*

*Ajudai-nos, Pai Santo, a fazer que todos os povos
possam encontrar-se com o amor
e a misericórdia de Jesus Cristo,
Ele que é Deus convosco, e vive e reina
na unidade do Espírito Santo,
agora e para sempre.*

Ámen.



**Batizados
e enviados**

MÊS
MISSIONÁRIO
EXTRAORDINÁRIO | Outubro
2019

Franciscus



**PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA
SECRETARIATUS INTERNATIONALIS**